
EDUCAÇÃO FÍSICA

LUÍS HENRIQUE SILVA MARTINS MENDES

**ASPECTOS PSICOPEDAGÓGICOS DA
COMPETIÇÃO ESPORTIVA ESCOLAR**



Rio Claro
2015

LUÍS HENRIQUE SILVA MARTINS MENDES

ASPECTOS PSICOPEDAGÓGICOS DA COMPETIÇÃO ESPORTIVA
ESCOLAR

Orientador: Afonso Antônio Machado

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau
de Licenciado em Educação Física.

Rio Claro
2015

796.061 Mendes, Luis Henrique Silva Martins
M538a Aspectos psicopedagógicos da competição esportiva
escolar / Luis Henrique Silva Martins Mendes. - Rio Claro,
2015

51 f. : il., figs., tabs.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Educação
Física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de
Biociências de Rio Claro

Orientador: Afonso Antônio Machado

1. Esportes - Competições. 2. Escola. 3. Psicopedagogia.
I. Título.

RESUMO

A escola é uma instituição qual a competição esta instalada intrinsecamente, e esta pedagogia se tornou atualmente muito controversa, pois esta gera diversas dúvidas para sua prática bem aplicada, e acaba, portanto, sendo simplesmente negada por diversos educadores. O fato é que a competição, como elemento fundamental do esporte, e, por sua vez, caracterizado dentro da cultura corporal, a faz elemento fundamental a ser executado dentro das aulas de Educação Física. Esta que passou historicamente por diferentes visões e vertentes, desde o militarismo até a utilização dos PCNs como principal ferramenta norteadora das aulas, tem estas mudanças temporalmente abruptas contribuintes para com a polarização veemente de opiniões acerca da competição esportiva na escola. O que acontece atualmente, seja por falta de preparo do professor, estudos sobre o assunto ou mesmo sobre essa constante negatória competitiva, faz com que ela seja erroneamente utilizada dentro das aulas de Educação Física e, uma ferramenta como esta, mal utilizada, acaba meramente espelhando os desportos performances de alto nível, onde se tem a vitória como principal foco ativo, o que acaba levando à exclusão de certos alunos menos habilidosos. Temos então de estudar esta potente ferramenta pedagógica que é a competição esportiva escolar, para que possamos utilizá-la de maneira correta, focando o processo educativo qual empreende esta competição e o desporto, se pautando em objetivos claros para que seja possível se obter uma competição com faces educativas fortes. Seria muito cômodo para nós educadores simplesmente ignorar esta face competitiva inerente à escola, inviabilizando, por conseguinte, um elemento rico e vasto de conteúdos e pedagogias em nossa área. Temos então de aceitar essa competição como um desafio, onde se estudam formas para recriá-la da melhor maneira pedagógica possível, se maximizando os efeitos benéficos desta tão essencial ferramenta educacional e minimizando os efeitos negativos que possam implicar em nossos alunos dentro da realidade escolar.

Palavras-chave: competição, escola, esporte, psicopedagogia.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

2. EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL: DO MILITARISMO ÀS TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS

3. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: ONDE ESTAMOS?

4. O ESPORTE E A COMPETIÇÃO

5. A COMPETIÇÃO, O ESPORTE E A EDUCAÇÃO FÍSICA DENTRO DO AMBIENTE ESCOLAR

6. ESPORTE-EDUCAÇÃO VS. ESPORTE-PERFORMANCE: A SOMBRA DA COMPETIÇÃO ESPORTIVA NO ESPECTRO ESCOLAR

7. COMPETIÇÕES E DESPORTOS NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA VISÃO CONTEMPORÂNEA DOS PROFESSORES

8. COMPETIÇÃO E ESPORTES EM MINHA AULA? POR QUE USAR?

9. UM TABU A SE DESCONSTRUIR: DISCUTINDO ASSERTIVAS PEDAGÓGICAS PARA O BOM USO DA COMPETIÇÃO ESPORTIVA NO ESPECTRO ESCOLAR

10. CONCLUSÃO

11. REFERÊNCIAS

INTRODUÇÃO

Ao longo de minha graduação, incontáveis foram as vezes em que pude notar barreiras que pareciam intransponíveis. Ideias consideradas, quase que em sua totalidade, errôneas ou inapropriadas. Falas improváveis e inadmissíveis sobre assuntos considerados tabus. Assim foi com o tema que trata da competição esportiva escolar, ou seja, da utilização da competição dentro do âmbito escolar como uma ferramenta a colaborar com o ensino dos alunos, portanto, uma ferramenta pedagógica.

Nasário (2008) diz que a escola é uma instituição da sociedade em que a competição ocorre constantemente e, somado às ideias de Reverdito (2008), que diz ser a competição, principalmente neste âmbito escolar, polarizada, qual, frequentemente sendo trabalhada à base de contradições, repele qualquer possibilidade de diálogo devido aos opostos pólos que focam as discussões sobre competições, que em diferentes abordagens, vivem como reféns da apresentação de seus aspectos positivos de um lado e dos negativos do outro.

Corroborar com esse ponto de vista também, Arruda Júnior (2009), quando diz que a competição pode gerar algumas dúvidas para a prática pedagógica contextualizada no âmbito escolar, e que a mesma, no meio educacional, gera diversos questionamentos, que são refletidos na aceitação/negação por parte dos professores de Educação Física escolar. Enquanto alguns defendem a presença de atividades competitivas, outra parcela desses profissionais evita promover exercícios cujo espírito competitivo se faça presente.

Mas como a competição, segundo Scaglia & Gomes (2005), é elemento fundamental do esporte, que dá sentido a sua existência, e é nela que a manifestação do esporte se realiza em sua plenitude, pode-se dizer que qualquer ação orientada para o ensino e aprendizagem do esporte não está desvinculada da necessidade de se aprender a competir, seja nas aulas de Educação Física escolar (ensino formal, qual é nosso presente caso) ou nas Escolas de Esportes ou Centros de Treinamento (ensino não formal).

Um dos principais problemas relacionados à manifestação do esporte escolar são as dúvidas quanto a sua função educacional, principalmente pelo fato de não se perguntar para quem é o esporte, e pela falta de um enfoque educativo claro (SCAGLIA; MONTAGNER; SOUZA, 2001; TURPIN, 2002).

Sabendo-se então, que este tema sempre alimenta grandes discussões entre os favoráveis e os não favoráveis à adoção desta prática pedagógica aparentemente polêmica, faz-se necessário uma reflexão da competição enquanto elemento fundamental do esporte, para que se apresente uma proposta para a ação educativa a partir de suas virtudes e se entenda o processo competitivo.

Desta maneira, a opção por uma pesquisa bibliográfica possibilitou um aprofundamento e uma forte relação entre os temas e autores que se debruçara, sobre eles, em outros momentos, favorecendo olhares mais críticos e adequados àquilo que se pretende analisar.

É importante refletir sobre as funções da Educação Física quando empregada através dos desportos, como a mesma está inserida nas escolas e como é apresentada aos alunos de modo que os auxiliem em seu processo educacional, não somente sendo mais uma mera atividade curricular, onde apenas os campeões e os aptos são privilegiados, mas sim como uma disciplina propriamente dita.

Sendo assim, a relevância do presente estudo da competição esportiva escolar é justificada pela sua relação com um dos conteúdos da cultura corporal a ser desenvolvido na educação física escolar, considerando o elemento do esporte.

Ainda são poucos os autores e obras que se dedicam efetivamente ao estudo da teoria e prática da competição esportiva escolar, por isso, analisar tal tema se faz necessário, para que a metodologia competitiva seja empregada em momentos oportunos que auxiliem na formação dos indivíduos, como parte do processo de ensino e aprendizagem da Educação Física na escola.

De início, porém, temos de entender esse surgimento de nossa disciplina no Brasil e onde, em um contexto histórico-social, se encontra a Educação, bem como a Educação Física Escolar, para que seja possível então, introduzir-se um estudo aprofundado acerca da competição esportiva escolar.

EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL: DO MILITARISMO ÀS TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS

Segundo Machado (1994) a Educação Física nem sempre foi facilmente aceita. Sua introdução na escola não se deu tranquilamente, pois tal prática enfrentava barreiras que estavam enraizadas em valores dominantes que advinham do período colonial, sendo assim, sua evolução veio tardiamente e seu firmamento nos pilares da educação ocorreu de forma lenta e truculenta.

A constituição da disciplina Educação Física veio da instalação dessa prática pedagógica na instituição escolar emergente dos séculos XVIII e XIX, onde foi fortemente influenciada pela instituição militar (militarista) e pela medicina (higiênica). A instituição militar tinha por sua prática, exercícios sistematizados pelo conhecimento médico (BRACHT, 1999).

Temos então a criação da escola militar, a introdução da ginástica alemã, no ano de 1907, que teria sido a fagulha da formação da Escola de Educação Física da Força Policial do Estado de São Paulo, ou seja, uma época marcada pela Educação Física em seu foco higiênico e para com a segurança (MACHADO, 1994).

Em uma tentativa de sistematizar a ginástica dentro da escola, surgem os métodos ginásticos, quais eram advindos das escolas sueca, alemã e francesa, como por exemplo, a escola de Joinville Le Pont. Tais métodos conferiam à Educação Física uma perspectiva eugênica, higienista e militarista, onde a prática do exercício físico deveria ser utilizada para a aquisição e a manutenção da higiene física e moral (higienismo), treinando os indivíduos para o combate militar (militarismo) (DARIDO; RANGEL, 2005).

Temos, no que compreende este período da história da Educação Física no cenário brasileiro, passando pelo Brasil Império até a Primeira República então, como se nota, por características evidentes higienistas e eugenistas, seguindo por um segundo período, de 1930 até 1945, durante a segunda guerra mundial, com uma forte evidência militarista, além das higienista e eugenista dentro do ambiente escolar. Essa visão da Educação Física acabava, por objetivo, educando os indivíduos para serem “dóceis” e acríticos frente à situação político-social brasileira da época.

Assim, o nascimento da Educação Física se deu, por assim dizer, a mercê de duas facetas, em um extremo, com o intuito de cumprir a função colaborativa na construção de corpos saudáveis e dóceis, ou melhor, com uma educação “estética” que permitisse uma melhor adaptação ao processo produtivo e à perspectiva política nacionalista. Em outro extremo, foi legitimado pelos conhecimentos médicos e científicos acerca do corpo, qual referendava as possibilidades, necessidades e vantagens de tal intervenção sobre o corpo (BRACHT, 1999).

Após a II Grande Guerra, que compreendeu os anos de 1939 a 1945, a ginástica perdeu espaço para o esporte, qual passou a ser hegemônico no Brasil (GHIRALDELLI JUNIOR, 1994).

Ainda neste período pós guerra, até meados da década de 1960, com o início da Ditadura no Brasil, a Educação Física nas escolas mantinham o caráter gímico e calistênico do Brasil República, ou seja, houve aí, um considerável retrocesso quando se diz respeito às tendências pedagógicas (RAMOS, 1982).

Com essa tomada do Poder Executivo brasileiro pelos militares, se nota um crescimento rápido e abrupto do sistema educacional, onde o governo planejou usar as escolas tanto públicas quanto privadas como uma “nascente” de programa do regime militar.

Nesta vigente época o governo investia categoricamente em esporte, tentando utilizar-se da Educação Física escolar como um sustentáculo, um instrumento de suas ideologias, onde se atingindo resultados, ou seja, um êxito nas competições esportivas, faria com que fosse eliminada as críticas internas, deixando assim sobre a superfície, um clima de prosperidade e desenvolvimento no país, basicamente utilizando-se da “política do pão e circo” (DARIDO; RANGEL, 2005).

Com esse viés são fortalecida então ideias sobre o esportivismo, onde o rendimento, a vitória e a busca pelo mais hábil e forte (performance) eram cada vez mais presentes dentro das aulas de Educação Física.

Uma das importantes medidas que mudaram a Educação Física no período contemporâneo, foi a obrigatoriedade da Educação Física no ensino, homologado através do decreto lei número 705/69 (BRASIL, 1969). Segundo Castellani Filho

(1998), este decreto tinha como propósito político inicial de favorecer o regime militar, desconstruindo o movimento estudantil contrário a ele, uma vez que as universidades em geral representavam um dos principais, senão o principal pólo de resistência ao regime.

Desta maneira, o esporte era utilizado como um elemento de distração à situação sociopolítica do período. Sendo, por conseguinte, a Educação Física no ensino, considerada uma atividade destituída de conhecimentos, ou seja, relacionada ao fazer pelo simples fato de fazer, sendo então, virada à formação de mão de obra para a produção do sistema do regime.

Este modelo esportivista, também chamado de mecanicista, tradicional e tecnicista, começou a ser criticado em meados da década de 1980, no entanto, essa concepção esportivista ainda se mostra ativa na escola contemporânea bem como na sociedade atual.

Nesta década de 1980, a resistência acerca da concepção biológica da Educação Física é fortemente contestada em relação a este constante predomínio de conteúdos esportivos (DARIDO; RANGEL, 2005).

A visão de esporte de alto nível começa a perder efeito nessa época, sendo contestada por diversos autores, que buscavam uma visão mais humana e intelectual dentro da concepção de Educação Física, onde fossem discutidos e criados novos meios de se trabalhar com essa disciplina dentro da escola.

Em 1851, a Lei de nº 630 incluiu a Educação Física nos currículos escolares através da ginástica, porém apenas como uma atividade, e somente em 1996, pela LDB 9.394/96 no artigo 26, § 3º, a Educação Física foi condicionada como componente curricular obrigatório integrado à proposta pedagógica da escola (MACHADO, 1994).

Coexistem no cenário atual da Educação Física escolar, diversas e diferentes concepções ou tendências/abordagens, as quais tentam romper com o antigo modelo tradicional que outrora era embutido aos esportes e, conseqüentemente às aulas de Educação Física. Dentre essas diferentes concepções pedagógicas cabe-

se citar a psicomotricidade, a desenvolvimentista, a saúde renovada, a crítico-superadora e mais recentemente, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

Em 1996, com a reformulação dos PCNs, torna-se ressaltada a importância de uma articulação da Educação Física entre o chamado “aprender a fazer”, o “saber por que se está fazendo” e “como relacionar-se nesse saber” (BRASIL, 1997). Resumidamente, os PCNs nos trazem as diferentes dimensões dos conteúdos, onde se é proposto que estes sejam relacionados com os problemas que encontramos em nossa sociedade atualmente, contudo sem que seja ofuscado seu papel de integrar o cidadão no âmbito da cultura corporal.

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: ONDE ESTAMOS?

Segundo Barni & Schneider, a Educação brasileira, com a nova LDB, se encontra atualmente em um processo de evolução e transformação, no sentido de se rever qual é o seu papel na sociedade e nas escolas, bem como que rumos deve seguir frente a esta realidade globalizada e em constantes mudanças.

A Educação Física como disciplina escolar passa por um processo de transformação do qual somos todos, se não protagonistas, espectadores. Alguns há mais tempo, outros menos, convivemos com um processo de transformação que consideramos sem precedentes na história desta atividade pedagógica (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2009).

Então, torna-se possível afirmar que, segundo Bracht (2005), em linhas gerais, o século XX presenciou, nas sociedades ocidentais, a consolidação da Educação Física escolar, então sustentada no conhecimento médico-biológico e orientada pela ideia de que sua função principal era a promoção da saúde, articulada discursivamente como uma ideia genérica de educação integral do homem no sentido do desenvolvimento de todas as suas potencialidades. Se tornando então a Educação Física Escolar esportivizada, ou seja, adquiriu uma relação de mutualismo com o esporte, e assim permaneceu por diversas décadas, até que passou a ser questionada de maneira endêmica no decorrer da década de 1980, com o, que ficou conhecido como, movimento renovador da Educação Física brasileira, movimento este que, segundo González & Fensterseifer (2009), impulsionou variadas mudanças em diversas dimensões de nossa área.

Foi então, segundo Souza Junior (2011), que em seu coletivo de autores, diz que:

“a partir das críticas realizadas por Dieckert (1985) à visão de esporte de alto nível que esse conceito se fez presente. O autor buscava uma Educação Física mais humana dentro da concepção do “Esporte para Todos”, onde fosse discutida e criada uma “nova antropologia” que colocasse como centro da questão “uma cultura corporal própria do povo brasileiro”. Essa cultura própria do nosso povo foi definida pelo autor como: elaborações que as pessoas realizam em torno de suas próprias práticas corporais, construídas e reconstruídas em seu país – capoeira, jogos de

diferentes regiões, danças brasileiras – elementos da “cultura corporal que vive no Brasil e no povo brasileiro””.

Bracht (2005) ao analisar diferentes concepções do objeto da Educação Física, afirma que sua especificidade deverá se relacionar, de forma direta, com a sua função social, nos remetendo, portanto, às práticas corporais que passam a ser entendidas como formas de comunicação que constroem cultura e é influenciada por ela. Para Souza Junior (2011), este autor sentia que as perspectivas da atividade física e do movimento humano estariam levando a Educação Física a perder sua especificidade como disciplina escolar, pois estas não permitiam ver o seu objeto como construção social e histórica e sim como elemento natural que se revela de forma inerte.

Em seguida, ainda seguindo a fala de Souza Junior (2011), em seu coletivo de autores, Bracht (2005) realiza uma reflexão a respeito da seguinte questão: cultura corporal, cultura de movimento, ou cultura corporal de movimento? O autor afirma que qualquer um desses termos pode embasar uma nova construção do objeto da Educação Física, desde que seja colocado o peso maior sobre o conceito de cultura, necessário para a “desnaturalização” do nosso objeto, refletindo a sua contextualização social e histórica e redefinindo a relação entre Educação Física, natureza e conhecimento. Ainda assim, Bracht (2005) explicita sua preferência pela expressão “cultura corporal de movimento”, pois a palavra “corporal”, por si só, não contempla a especificidade da Educação Física, pois seria uma redundância já que toda cultura é corporal. Já a expressão “movimento”, sem uma reflexão aprofundada, poderia gerar a ideia de um objeto mecanicista e descontextualizado.

Então, como a Educação, e também a Educação Física, pelas palavras de Gonçalves (1997) são um processo que atua na formação do homem, que está presente em todas as sociedades humanas e são inerentes ao homem como ser social e histórico.

Sua existência está fundamentada na necessidade de formar as gerações mais novas, transmitindo-lhes seus conhecimentos, valores e crenças dando-lhes possibilidades para novas realizações. O próprio conceito de Educação está sujeito a um evoluir histórico, conforme o modo de existir e de pensar das diferentes épocas (GONÇALVES, 1997).

Ou seja, todo modo de ensino, seja este da Educação em uma maneira geral, ou em nosso caso específico, a Educação Física Escolar, adapta-se à sociedade temporal em que vive, quanto a conceitos históricos, culturais e sociais de cada época que perdura, e como esta disciplina, segundo Santos & Nista-Piccolo (2011) foi adquirida, anteriormente, uma visão social acerca da mesma que entende que o espaço e o tempo escolar estejam vinculados ao fenômeno esportivo, ou seja, o esporte é o conteúdo central tratado nas aulas pelos professores é a prática corporal citada e valorizada pelos alunos, é a referência para as atividades extracurriculares da Educação Física.

Esta visão da disciplina, porém, é contraposta, como citado anteriormente, pelo advento dos debates acerca da pedagogia desta disciplina no âmbito escolar, que viria então a surgir uma visão mais crítica socialmente, que trabalharia com o corpo como um todo, englobando todos os aspectos contidos dentro da Cultura Corporal.

Devido então a esta grande mudança de concepções no que condiz a Educação Física ao longo dos anos, acarretou em uma polarização de opiniões quanto às diferentes maneiras pedagógicas válidas a serem utilizadas neste contexto escolar, principalmente no que se diz respeito à utilização da competição, bem como a competição esportiva e o esporte em si como ferramentas pedagógicas, que em um oceano de proposições de ensino que negam quase que por completo, a utilização desta ferramenta, ousou dizer que pode sim, ser uma das mais essenciais, com ressalvas, como será debatido e estudado nos capítulos a seguir.

O ESPORTE E A COMPETIÇÃO

Para entender como a competição, bem como a competição esportiva na escola se desenrola atualmente, temos de entender o porquê de ela acontecer. Desde quando ela, bem como os esportes, estão inseridos na sociedade em que vive o homem.

O esporte sempre esteve presente na vida dos seres humanos, seja de maneira intrínseca ou social, ou seja, utilizado como uma forma de sobrevivência propriamente dita, ou então, esporte como um fator social. Como reitera Duarte (2004), que diz que a necessidade fez com que o homem praticasse a natação, o arco e flecha, a luta, entre outros. Quando se descobre, no Egito, na necrópole de Beni-Hassan, em 1850 a.C., um mural com figuras praticando a luta em vários movimentos, fica mais do que provado que temos mais de 4 mil anos de esporte.

Já como fator social, temos, em 776 a.C., os Jogos Olímpicos gregos, que apresentavam uma enorme importância local e regional, tanto que, algum tempo depois, passam a funcionar como um calendário próprio, pois eram estes disputados a cada quatro anos.

Segundo Duarte (2004), a partir de 580 a.C. então, são instituídos prêmios em dinheiro aos campeões (o que, possivelmente, marca o início do profissionalismo), onde os vencedores ganhavam prêmios variados, que iam desde 500 Dracmas até ânforas de óleo, de grande valor na época.

O que se nota então é que o homem sempre esteve à procura de novas emoções, novas maneiras de competir, como corrobora os pensamentos de Duarte (2004), quando diz que o homem sempre quis criar esportes a fim de continuamente experimentar novas emoções e competitividade. Há os esportes que vieram com as armas, os que vieram com os motores, os que vieram com as conquistas aéreas, sempre evoluindo em busca daquela emoção competitiva.

Pode-se dizer então, que a competição é intrínseca ao ser humano, este sentimento de superação sempre esteve presente no homem e, exatamente por este motivo isso é refletido nos esportes modernos e, por conseguinte, na maneira de se ensinar Educação Física na escola, seja de uma maneira positiva, neutra, ou

negativa, mas seu reflexo é nítido, e tentar negar isso se torna prejudicial ao indivíduo-aluno, qual deve ser trabalhado sobre esta temática tão presente no homem.

A COMPETIÇÃO, O ESPORTE E A EDUCAÇÃO FÍSICA DENTRO DO AMBIENTE ESCOLAR

Até o presente momento então, cabe-se apontar que não há como tentar negar o elemento competição dentro da escola como um todo, principalmente nas aulas de Educação Física e atividades esportivas extracurriculares, pois este fenômeno competitivo, bem como o jogo e, conseqüentemente o esporte, ocorrem inerentemente ao homem, e como afirma Soares, C. (1994), a Educação Física se utiliza de diversas estratégias diferenciadas para dentro do ambiente escolar.

Dentro de tais estratégias de ensino, podemos facilmente citar os jogos cooperativos e/ou competitivos e pré-desportos, cabe a nós professores então, aprendermos sobre como lidar com este fato dentro de nossas aulas, e entender também, que esta é uma grande ferramenta pedagógica, tanto a utilização da competição em si dentro das aulas, como os jogos e o desporto, mas para isso, é necessário primeiramente compreender como este fenômeno ocorre atualmente dentro das escolas, o porquê dele acontecer e as conseqüências disso.

Competição e desportos no âmbito escolar: o que acontece?

A competição e o desporto no âmbito escolar, atualmente, têm encontrado diversos problemas para com sua utilização em aula, pois ocorre uma confusão sobre como trabalhar com este fator. O que acontece, ao pegarmos a definição do termo competição, segundo De Rose Jr. (2002), onde afirma ser como uma situação, em que se é feito uma comparação entre um indivíduo e algum padrão pré-estabelecido (como a “quebra” de um recorde, por exemplo), comparação com outra pessoa ou com um grupo de pessoas, contanto que esta seja feita na presença de pelo menos um indivíduo que tenha conhecimento dos critérios que façam possível a avaliação deste processo, podendo este padrão ser um resultado pessoal ou a obtenção de uma vitória sobre um adversário ou uma equipe.

Aliando à definição encontrada em Sparkles (1987) apud Ferreira (2000, p.97), que afirma:

“o conceito de competição consiste num “encontro social entre dois ou mais indivíduos no qual existe um embate consciente por um objetivo comum que tende a estabelecer a supremacia de um dos lados”.

Percebe-se então que na primeira definição, há uma comparação de resultados, ou seja, permite-se falar de auto superação, porém, já na segunda parte da fala de De Rose Jr. (2002), e no conceito de Sparkles (1987) apud Ferreira (2000), há uma maior evidência factual sobre a vitória sobre o outro, atingir um objetivo à custa de outra equipe ou outro indivíduo, ou seja, destaca de forma mais evidenciada que o principal objetivo da competição é a supremacia, ou busca da vitória.

Ocorre então, a utilização da vitória como principal objetivo da competição, ou seja, se dá uma valorização exacerbada do “ganho sobre o outro”, ou como afirma Arruda Júnior (2009), que, na maioria das vezes, a vitória consiste no fim do processo determinando-a como o objetivo principal dos participantes. Isso ocorre porque, como diz Marzinek & Neto (2007), o esporte e a competição são fatores internos de motivação intrínsecos, que levam, por conseguinte, a uma vontade mais acentuada de vitória como objetivo principal, pelo seu prazer em realizá-lo, prazer em atingir este objetivo.

Este fator acarreta em muitas vezes esta competição ser envolvida entre classes, turmas ou escolas, segundo Machado (1994), ocorrendo sem o devido preparo para isso, percebendo-se que o principal objetivo é, acima de tudo, consagrar um campeão, o que acaba tornando essas aulas de Educação Física em “guerras”, em que se realizam atividades apenas para os mais aptos.

Ao direcionar um olhar para o meio educacional, em geral, e para as aulas de Educação Física escolar, torna-se evidente então, segundo Arruda Júnior (2009), que quando essa competição com foco exacerbado no vencer ocupa lugar de destaque, os alunos menos preparados tendem a sentir-se mais desmotivados.

Segundo Ferreira (2000), dificilmente um educando que esteja despreparado para determinada atividade, encontrará uma motivação suficiente para compreendê-la e a executar. Este aluno que freqüentemente chega em último colocado, muito que dificilmente alcançará uma motivação para competir novamente. Cabe dizer o mesmo sobre o sujeito que tem pouca ou nenhuma habilidade com a bola, que dificilmente irá se sentir motivado para participar das atividades com bolas, como por exemplo, um “bobinho”, ou uma corrida com a bola nos pés ou quicando.

Em suma, quando há esta valorização demasiada da vitória ou da tentativa de vencer o que acontece é uma tendência natural de afastamento por parte dos alunos que encontram dificuldades na hora da atividade. De acordo com Ferreira (2000, p. 97), “os alunos que se encontram na média dos resultados da turma ou abaixo dela param de tentar buscar a vitória, especialmente quando vencer ou “ser o melhor” é o mais importante”.

Tendo isso em vista, acontece também, por conseguinte, uma “esportivização” das aulas de Educação Física quando se trabalha utilizando a competição e os desportos em aula, fato que se estende também para as atividades extracurriculares, como por exemplo, os jogos inter classes ou inter escolas.

O problema se torna mais nítido, pois o modelo que se toma nessas aulas de Educação Física e competições inter classes/escolas, se tornam então, geralmente associados à visão do adulto em contrariedade aos anseios do próprio educando, tendo este aluno então, que se modificar e se adaptar aos padrões estruturais e organizativos impostos pelo professor ou coordenação pedagógica da escola, que se baseia, em sua grande maioria de vezes, em grandes eventos esportivos institucionalizados (DE ROSE JR., 2002; FERRAZ, 2002; SCAGLIA; GOMES, 2005). Visão do adulto esta, que segundo Arruda Júnior (2009) se emaranha com as concepções do aluno, sendo entorpecidas e contaminadas pela mídia contemporânea, exigindo um sucesso em seu rendimento e, de acordo com a postura do profissional mediador do conhecimento, essas características individualistas e extremamente egoístas podem ser potencializadas.

Ferreira (2000) acredita também que esse problema é constantemente reforçado, pela forma como o desporto é apresentado e desenvolvido na escola. Sendo este sempre, corroborando as ideias acima, seguindo as mesmas regras do desporto oficial, com nenhuma ou quase nenhuma modificação, e repetem a estrutura e a organização dos grandes eventos desportivos, como os Jogos Olímpicos, por exemplo, no que diz respeito à premiação, aos critérios de participação etc.

Outro pensamento que interliga os autores é o de Leite (2010) que reitera o fato da competição, esporte e competição esportiva que se reproduz na escola, não

é o esporte com ideais sociais e educativos, e sim, uma mera reprodução espelhada do esporte de alto rendimento, que leva poucos ao sucesso e muitos ao fracasso.

ESPORTE-EDUCAÇÃO VS. ESPORTE-PERFORMANCE: A SOMBRA DA COMPETIÇÃO ESPORTIVA NO ESPECTRO ESCOLAR

Todos esses vieses se dão de maneira contínua e conjunta dentro das aulas de Educação Física e do âmbito escolar em geral, pois quando se aliam os fatores evidência exacerbada da vitória, ou seja, objetivo final em contrapartida dos meios para atingir este mesmo finalmente, ou a jornada de aprendizado em si e uma visão deturpada, midiática e adulta das aulas de Educação Física, se focando num esporte modernizado de competição, você faz com que ocorra uma inversão de valores, acarretando isso em uma tendência onde se confunde o chamado “esporte-educação” com o “esporte-performance”.

O esporte, como descrito na obra de Tubino (2001), intitulada “Dimensões Sociais do Esporte”, está dividido, quanto a seu aspecto social, em três esferas distintas e contrastantes, sendo estas chamadas de “esporte-educação”, “esporte-participação” ou popular e “esporte-performance” ou de rendimento.

Esporte-educação

A educação, qual tem um fim inerente e específico iminente social, quando compreende o esporte como manifestação educacional, tem como principal demanda, a exigência de um chamado esporte-educação, ou seja, um conteúdo que seja fundamentalmente educativo. Para Lima (1988) apud Tubino (2001), uma orientação que seja educativa dentro do esporte terá de vincular-se obrigatoriamente a três diferentes áreas de “atuação pedagógica”, sendo elas a de integração social, a de desenvolvimento psicomotor e a das atividades físicas educativas.

Na área de integração social, terá de ser assegurada e veemente, uma participação realmente autêntica, ou seja, que oferece aos alunos diferentes oportunidades de decisões na própria organização das atividades, somado a uma maior possibilidade de intervenção nas atividades esportivas extra-escolares, visando chegar esta atuação na própria comunidade em que se situa o ambiente escolar. Quanto à área do desenvolvimento psicomotor, deverá ser oferecida a oportunidade de participação que atenda, em seu aspecto principal, a necessidades de movimento, como também entre situações de juízo crítico e momentos de auto avaliação, sendo tudo isso livre de qualquer tipo de discriminações. Finalmente, na

área de atividades físicas educativas, a orientação deve ser direcionada para a concretização das aptidões, tanto em capacidades simples quanto na aquisição de níveis superiores de capacidades (LIMA, 1987 apud TUBINO, 2001).

Esporte-participação

Esta é a dimensão social do esporte que é referenciado com o princípio do prazer lúdico, qual tem como finalidade o bem-estar social dos seus praticantes.

O esporte-participação ou popular tem relações íntimas com o tempo livre e o lazer. Esta manifestação que, de modo geral, ocorre em espaços não comprometidos com o tempo e fora das obrigações diárias, de modo geral, tem como propósitos a descontração, a diversão, o desenvolvimento pessoal e as relações entre as pessoas. O esporte popular, além de suas condições “hedonísticas”, tem o seu valor social evidenciado na participação e nas alianças ou parcerias envolvidas. A atuação interativa entre a participação e as parcerias, fortalece os grupos e as comunidades, tornando-os ativos e com mais possibilidades de percepção do conceito de obrigação social, e conseqüentemente mais agentes de seu próprio destino (TUBINO, 2001).

Esporte-performance

É a dimensão social do esporte que se vale pelo conceito propriamente dito de esporte, ou seja, opostamente ao jogo, como caracterizado por Huizinga (1999), que caracteriza-se por ser uma atividade livre, tomada como “não séria” e intrínseca à vida habitual. Apesar de ser capaz de absorver o jogador de maneira total e intensa, é desligada de quaisquer interesses materiais, apresentando limites especiais e temporais próprios e que guarda certa ordem como algumas regras específicas. Porém, ao contrario do esporte em si, não tem por trás de sua organização empreendedores particulares e organizações regulamentárias, quais determinam regras, campeonatos, datas e afins.

Este esporte, ao exigir uma organização mais complexa passa a ser crescentemente de responsabilidade de iniciativas privadas, que impõe códigos próprios, sendo exercido sob regras preestabelecidas pelos organismos internacionais de suas respectivas modalidades

Segundo Tubino (2001), há uma tendência natural, onde este tipo de esporte acabe sendo praticado principalmente pelos “talentos esportivos natos”, o que o impede de ser considerado como uma manifestação comprometida com os preceitos denominados democráticos e sociais. É também a dimensão que propicia os eventos e espetáculos esportivos, onde uma série de possibilidades, tanto positivas como negativas podem acontecer.

É nesta manifestação social do esporte que, segundo Languillaumie (1978) apud Tubino (2001), é refletido as tendências categóricas do sistema capitalista industrial, onde, como reitera Brohm, (1976) apud Tubino (2001), os campeões são utilizados como meros instrumentos de reprodução das violências intrínsecas dos espetáculos esportivos.

Torna-se notável então, segundo as descrições acerca das dimensões sociais do esporte que, esta tendência de troca, no âmbito escolar, desta competição empregada pelo “esporte-educação”, que tem como principal propósito, quando aplicada corretamente, levar a benefícios e contribuições na parte física e mental do aluno, em contrapartida ao “esporte-performance”, que ocasiona uma competição mais adulta e midiática, que acaba tentando “preparar” o aluno para uma evolução meramente em seu desempenho, é extremamente danosa ao espectro educacional, fator que torna esta visão competitiva deveras negativa neste amplo cenário escolar em que está inserida a Educação Física.

Negativa esta devido ao fato de que quando ocorre a “inversão educativa” do esporte dentro do âmbito escolar, acarreta, segundo Ghiraldelli (1993) em um encobrimento da estrutura social injusta e excludente que ocorre no esporte, muitas vezes sendo este pregado como a salvação para a marginalidade e a pobreza, praticando-o, a criança, adolescente ou o adulto estaria a caminho da ascensão social, o que não é, na grande maioria das vezes, verdade.

Segundo estudos de Le Bouch (1987), esta inversão causa na criança também, ao se distanciar do jogo como uma verdadeira atividade “agonal”, que corresponde a certa necessidade de auto-afirmação, entrando nos modelos propostos pelo adulto, como inseridos no “esporte-performance” pode vir a impelir a criança à rivalidade.

Segundo Marserach apud Le Boulch (1987), p. 304, “o objetivo do ensino dos jogos coletivos e competitivos deve ser a transmissão dos conhecimentos acumulados e a assimilação das habilidades elaboradas durante a evolução do esporte”, tendo como outro perigo então, se abusando desta “esportivização adulta” das aulas de Educação Física, corroborando com as ideias propostas por Le Bouch (1987) que afirmam ser frequentes problemas de relacionamento que acompanham este tipo de conduta pedagógica em aula.

Ainda sobre esta tendência de “visão performance” das aulas de Educação Física escolar, Capitanio (2003) afirma que, dentre os alunos, uns acabam sendo excluídos e/ou substituídos por não serem tão hábeis, mesmo se tratando de crianças que ainda não possuam habilidades motoras “maduras” ou mesmo amadurecimento psicológico concreto, pois o único objetivo naquele momento é vencer.

Realmente, acaba parecendo algo irrelevante, mas apesar de ser apenas um momento e tudo acabar passando, para com este aluno que sofreu por este tipo de conduta pedagógica que visa somente o esporte do desempenho e da vitória em aula, este momento pode acabar se tornando um trauma que, apesar de poder, talvez, ser considerado leve, tornaria no futuro esta criança, este aluno um adulto sedentário e sem ter sido verdadeiramente contemplado pelo aprendizado acerca da disciplina Educação Física em sua época escolar. “Assim, a instituição educacional - pedagógica falhou e continuará a falhar caso não assuma uma postura ética e de coragem a dizer “não” para a sedução que o esporte exerce sobre todos nós, criando ao grande ilusão: “importante é vencer, a qualquer custo” Capitanio (2003).

COMPETIÇÕES E DESPORTOS NO AMBIENTE ESCOLAR: UMA VISÃO CONTEMPORÂNEA DOS PROFESSORES

Tem-se mostrado até o presente momento, como que a competição nas aulas de Educação Física e a competição esportiva na escola ocorrem e como há uma linha tênue ante esta ferramenta pedagógica ter benefícios ou não. Sabendo-se também que as opiniões dentre pensadores, bem como professores acabam muitas vezes se polarizando quanto ao assunto devido, segundo Reverdito et al (2008), ter entre os principais fatores, sua negação pela Educação Física, quando se analisa a quantidade de obras existentes que discutem essa competição no espaço escolar. Sendo idêntico ao que acontece quando se tratando da pedagogia do esporte que, mesmo reconhecendo o significativo avanço promovido pelas principais abordagens atuais, ainda são mínimos os autores e obras que se dedicam de maneira efetiva e integral ao estudo da teoria e prática da competição escolar.

Tendo isso em mente, este capítulo tenta demonstrar através de diferentes pesquisas atribuídas a distintos pesquisadores, as diferentes percepções que os professores de diferentes localidades tem acerca deste e outros temas relacionados à competição e o desporto no espectro escolar.

Santos & Nista-Piccolo (2011) em seu artigo intitulado “O esporte e o ensino médio: a visão dos professores de educação física da rede pública” encaminhou uma pesquisa de campo que tratava com uma pergunta aberta aos professores do município de Ourinhos, em São Paulo. A pergunta era “Como você vê a relação Esporte/Educação Física?” e as respostas obtidas foram interpretadas por meio da técnica de análise de conteúdo, segundo Bardin (2004). A entrevista do autor como consta no artigo foram organizadas de forma em que era possível ordená-las em redução de dados obtidos, ou seja, a partir dos discursos dos professores entrevistados foram construídas as Unidades de Registro (UR), aspectos levantados pelo pesquisador, nas quais foram agrupadas e construídas as Unidades de Contexto, gerando temas principais a serem interpretados. Dentre os temas a serem interpretados pertinentes, foram aqui escolhidos dois, que tratavam respectivamente, sobre o “esporte e educação” (1) e “esporte e competição” (2).

Acerca da temática (1) ficou, segundo o autor, evidente que há uma falta de compreensão por parte dos professores quando se tenta relacionar a política educacional com a proposta pedagógica, que se justifica ser essa a maior dificuldade em tratar o tema como conteúdo das aulas de Educação Física, apresentando muita resistência para novas mudanças conforme os relatos dos entrevistados, percebendo-se, portanto, que a competição e o esporte continuam sendo tratados de modo seletivo e reducionistas. Segue algumas interpretações de Santos & Nista-Piccolo (2011) acerca da resposta dos entrevistados (Tabela 1).

UR - 01	o que eu sempre trabalho, eu procuro ensinar basquetebol, voleibol, uma noção de handebol e futebol.
UR - 06	então eu uso como base os desportos que eles estão acostumados entre aspas a tentar praticar que são: futsal, vôlei, handebol e basquete.
UR - 07	Há condições de você trabalhar com outros esportes, porém, você tem que fazer uma adaptação, um jogo de cintura, você tem que negociar, realmente hoje você negocia com o aluno pra ele fazer ou não sua aula.
UR - 08	então eu tento aprofundar o esporte que eles praticam, que eles gostam, mostrando os outros segmentos que são atrelados a ele.
UR - 09	a política educacional não prevê esporte na escola, então eles querem esporte em qualquer lugar, menos na escola.
UR - 10	O nosso sistema educacional, ele é baseado no sistema americano...é...onde lá o esporte funciona por temporada tá...isso de uma maneira competitiva, a partir do segundo grau.
UR - 29	Os conteúdos que eu trabalho do esporte basicamente é...os fundamentos dos esportes.
UR - 46	então os esportes que eu estou fazendo é basquete né, que é dividido em quatro bimestres: basquete, handebol, vôlei e futsal.
UR - 47	o esporte mais com educativos, jogos pré-desportivos de determinados esportes, pequenos jogos.

Tabela 1. Relatos dos entrevistados sobre a relação entre a política educacional com a proposta pedagógica na temática “Esporte e Educação” (SANTOS; NISTA-PICCOLO, 2011).

Já sobre o tema (2), o autor reitera que a visão reducionista do esporte nas aulas de Educação Física foi também evidenciada no tema “Esporte e Competição”, em que se destaca a seleção dos alunos habilidosos; a realização de torneios; os gestos técnicos e os fundamentos como principais meios de tratar o esporte, ressaltando as turmas de treinamento e a participação em competições, sempre apontando a aptidão como forma de seleção.

Os professores reconhecem que esse é o melhor método de fazer com que os alunos se interessem pelo esporte no Ensino Médio e tiveram dificuldades em apontar uma visão dessa relação fora do âmbito competitivo e em abordar o esporte como uma possibilidade de conteúdo da Educação Física e suas outras formas de

manifestação no ambiente escolar. Constatamos apenas que um professor apresentou uma grande preocupação em mudar essa visão, destacando que enfrenta enorme dificuldade, entre os professores, para conseguir alterar essa concepção.

Fica evidente, então, por meio dessa pesquisa, que a concepção do esporte é sempre manifestada como um fim e não como um meio. Segue também outras interpretações de Santos & Nista-Piccolo (2011) acerca da resposta dos entrevistados (Tabela 2).

UR - 04	a realidade do governo hoje e o esporte em si é trabalhado nas turmas de treinamento na época de campeonatos.
UR - 10	o nosso sistema educacional ele é baseado no sistema americano...é...onde lá o esporte funciona por temporada tá...isso de uma maneira competitiva, a partir do segundo grau.
UR - 13	condições pra gente começar si uma iniciação desportiva, criando-se futuros atletas para o país de uma maneira organizada, sem especialização precoce.
UR - 20	Então aqueles que tem aptidão eu canalizo pros treinamentos e...e a gente disputa aí nas diversas modalidades é...com seriedade, trabalhando até mais que três horas semanais.
UR - 24	Primeiro o fundamento para aprimorar o jogo em todas as aulas para que eles peguem gosto pelo esporte.
UR - 25	A gente faz o interclasse que é uma competição que dura todo o ano com as finais no finalzinho do ano.
UR - 26	Retiro os alunos que têm aptidão para participar das competições externas.
UR - 27	Até porque esporte seria alto rendimento e poucas pessoas chegam nesse objetivo
UR - 30	Quando trabalho esporte pelo esporte, eu procuro sempre relacionando ele...é além de estar apresentando os aspectos técnicos de cada modalidade, a sua forma correta.
UR - 34	Nas minhas aulas, só vale regra oficial, então eu não deixo regra caseira.
UR - 39	O professor de educação física ele tira os alunos bons, o que ele considera bons e põe o resto pra fazer qualquer coisa e ele já vai praticamente funcionar muito mais como treinador do que como alguém que tenha uma visão mais ampla.

Tabela 2. Relatos dos entrevistados na temática “Esporte e Competição” (SANTOS; NISTA-PICCOLO, 2011).

Santos (2009) em sua dissertação de Mestrado intitulada “Atributos da qualidade da competição desportiva escolar: estudo comparativo entre as percepções dos praticantes e respectivos encarregados de educação” demonstrou por meio de uma pesquisa estatística a forma como o desporto é trabalhado nas escolas (Tabela 3) e o nível de satisfação quanto à escola e ao fato do indivíduo (ou pai do mesmo) participar de competições esportivas na escola ou extracurriculares (Tabela 4).

		n	%
Treinos num núcleo/equipa	Não	230	17,5%
	Sim	1084	82,5%
Jogos e torneios na escola	Não	772	58,8%
	Sim	542	41,2%
Competições com outras Escolas	Não	288	21,9%
	Sim	1026	78,1%
Festa do Desporto Escolar	Não	354	26,9%
	Sim	960	73,1%
Outras actividades pontuais	Não	1209	92,0%
	Sim	105	8,0%

Tabela 3. Forma como o Desporto Escolar é praticado nas escolas (SANTOS, 2009).

Nesta tabela é possível notar, segundo Santos (2009) que existem três formas de participação privilegiada e utilizadas por mais de 50% dos alunos que praticam desporto escolar: são os Treinos num núcleo/Equipa onde se localizam 82,5% dos alunos; as Competições com outras escolas, referidas por 78,1% e a Festa do desporto escolar, que nos últimos anos ganhou maior dimensão, sendo um evento de elevada importância apreciado não só pela população escolar como pela população em geral.

Satisfação geral		Grupos		Total
		Praticantes	Encarregados de Educação	
Muito insatisfeito ou Insatisfeito	n	33	26	59
	%	2,6%	2,1%	2,4%
	Resíduos Estandardizados	,5	-,5	
Nem insatisfeito nem satisfeito	n	126	135	261
	%	9,7%	11,1%	10,4%
	Resíduos Estandardizados	-,8	,8	
Satisfeito ou Muito Satisfeito	n	1135	1050	2185
	%	87,7%	86,7%	87,2%
	Resíduos Estandardizados	,2	-,2	
Total	n	1294	1211	2505
	%	100,0%	100,0%	100,0%
Teste de independência do Qui-Quadrado				
$\chi^2 = 1,699$		g.l.= 2	Sig= ,428	

Tabela 4. Tabulação cruzada entre o nível de satisfação dos pais e praticantes dos desportos (SANTOS, 2009).

Esta tabela, por sua vez, como entende Santos (2009) mostra que a distribuição das respostas de praticantes e encarregados de educação é bastante homogênea. O teste do Qui-Quadrado indica que não existem diferenças significativas entre estes grupos, pois o nível de significância é superior a 5%. A maioria dos praticantes estão satisfeitos ou muito satisfeitos com o desporto escolar, registrando um valor de 87,7%, enquanto que nos encarregados de educação essa percentagem situa-se nos 86,7%. A média dos dois grupos situa-se nos 87,2% no nível satisfeito ou muito satisfeito.

Em uma terceira pesquisa efetuada por Soares (2008), em seu artigo intitulado “A competição esportiva escolar como componente pedagógico a ser refletida e aplicada nas aulas de Educação Física”, realizou em 20 escolas da Rede Privada de Ensino de Campinas/SP, diversos questionários com questões

elaboradas que a autora considerava pertinente sobre o que eles acham da competição na escola, se são a favor ou não dessa prática.

Os resultados foram divididos por perguntas, como evidenciados nos gráficos que seguem. Os primeiros (Figuras 1 e 2) tratam sobre a escola oferecer ou não a oportunidade de ligas ou treinamentos extracurriculares, seguidos das visões dos professores propriamente ditas (Figuras 3 a 6).

A Escola Que Leciona Participa de Eventos, Torneios E Competições Esportivas, Ligas...?

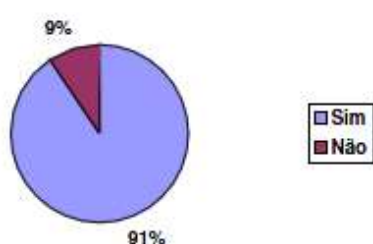


Figura 1. Participação da escola em eventos e afins (SOARES, 2008).

A escola oferece treinamento esportivo opcional, além das aulas de Educação Física?



Figura 2. Oferecimento de treinamento esportivo opcional pela escola (SOARES, 2008).

Você é a favor ou contra a competição esportiva na escola?

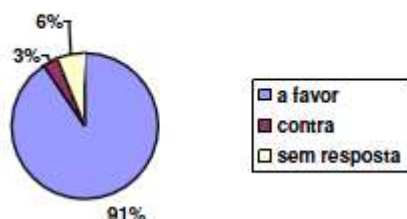


Figura 3. Opiniões dos professores quanto à competição esportiva na escola (SOARES, 2008).

- A competição motiva às aulas de Educação Física:

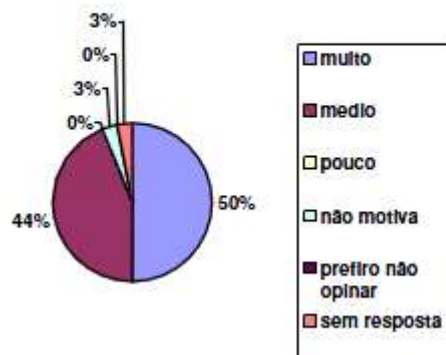


Figura 4. Opiniões dos professores sobre a motivação exercida pela competição nas aulas de Educação Física (SOARES, 2008).

- Ela contribui no processo educativo:

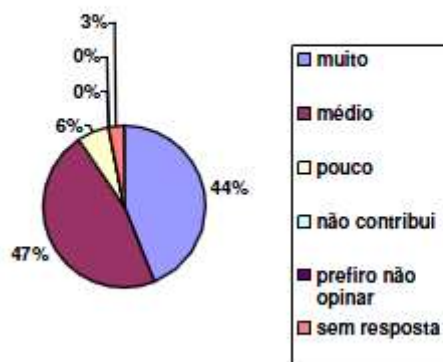
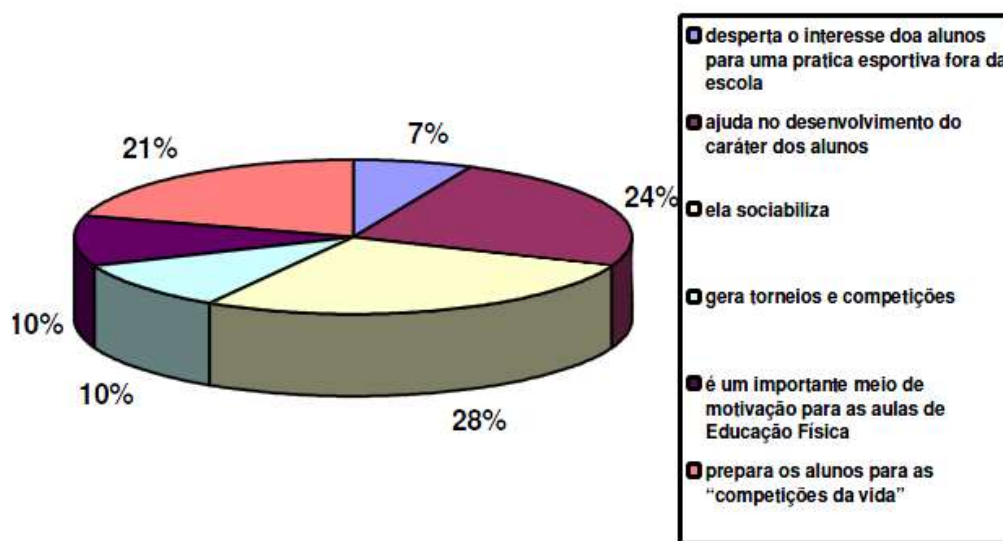


Figura 5. Opiniões dos professores sobre a contribuição da competição no processo educativo (SOARES, 2008).

- Enumere as questões abaixo, de forma crescente, sobre as VANTAGENS de competir pela escola:

As vantagens no geral:



Obs: não inclusos os que não responderam.

Figura 6. Opiniões dos professores sobre as vantagens de competir pela escola (SOARES, 2008).

Através destes questionários, Soares (2008) observa que os profissionais da área reconhecem a importância da competição esportiva ser trabalhada com um objetivo pedagógico. Isso não acontecerá de um dia para o outro, mas é uma tarefa que requer tempo, dedicação e profissionais empenhados nessa conquista. É preciso que as características educacionais minimizem as dificuldades encontradas na competição escolar, fazendo prevalecer à essência da pedagogia da competição.

Concluindo, o que estes três autores contribuem, e muito, acerca da discussão total do assunto competição e desporto no âmbito escolar se dá pelo fato de demonstrar que apesar de poucos estudos sobre este tema, como reitera Reverdito et al (2008), isso acontece dentro das escolas e que cada professor ou participante da equipe pedagógica das escolas tem suas próprias visões e percepções sobre a assertiva ou negativa de se trabalhar com isso dentro das aulas e a maneira de lidar com essa ferramenta pedagógica. Sendo este trabalho aplicado por professores que são, ou não, capacitados para lidar com a competição e os desportos de maneira geral.

Os autores demonstram também que as competições ocorrem de maneira efetiva dentro das escolas, seja entre as turmas, eventos entre escolas ou outras atividades pontuais, geralmente se trabalhando com os esportes mais conhecidos, que são o vôlei, o basquetebol e o futebol/futsal. É apontado em outra instância que treinos, sejam estes em horários de aula ou não (extra aula), acontecem em grande parte das escolas. Demonstra também que em grande maioria das vezes tanto os alunos, quanto os pais dos mesmos se mostram satisfeitos com o modo como são conduzidos os treinos, jogos e eventos competitivos em geral.

Em última instância é apontado pelas pesquisas que, além de apresentarem opiniões previamente formadas sobre o tema competição e desporto nas escolas, muitas dessas opiniões são positivas acerca do assunto, como afirmar que esta ferramenta pedagógica que é a competição e o esporte contribui no processo educativo, pode motivar as aulas de Educação Física e que são, por fim, a favor da utilização desta em prol de suas aulas.

COMPETIÇÃO E ESPORTES EM MINHA AULA? POR QUE USAR?

Chegando até este ponto, após tantas informações tendo sido explanadas, uma pergunta paira no ar: “Por quê usar a competição e os desportos nas minhas aulas de Educação Física então?”

É inegável o fato do esporte no espectro escolar ter conquistado um grande e relevante espaço. Neste processo educativo, qual o esporte é incluso dentro da cultura corporal segundo os PCNs, representa para além de um espaço de meras práticas esportivas, seja de competição ou de lazer, se torna um elemento fundamental na educação cognitiva, motora e para a cidadania das crianças e jovens.

Tão somente que é descrito como seguinte o aprendizado do esporte, bem como os elementos da cultura corporal e outros aspectos da Educação Física pelo MEC:

“O acesso a esse universo de informações, vivências e valores é compreendido aqui como um direito do cidadão, uma perspectiva de construção e usufruto de instrumentos para promover a saúde, utilizar criativamente o tempo de lazer e expressar afetos e sentimentos em diversos contextos de convivência. Em síntese, a apropriação dessa cultura, por meio da educação física na escola, pode e deve se constituir num instrumento de inserção social, de exercício da cidadania e de melhoria da qualidade de vida.” (PCNs: EDUCAÇÃO FÍSICA, VOL 3, P.194)

Com essa assertiva, Lima (2011) implica que quando se compreende a Educação Física como uma prática pedagógica a ser desenvolvida no âmbito escolar, se torna, por consequência, uma obrigação da escola contemporânea, ou seja, que está inclusa na sociedade em que vivemos atualmente, inserir o aluno dentro desse denso espectro que compreende a Educação Física escolar e que o faça vivenciar de forma pedagógica e crítica o “mundo moderno”.

Neste contexto, portanto, a Escola como instituição formadora de crianças e jovens, não pode simplesmente desviar olhares acerca da competição e do desporto dentro das aulas, pois como reitera Santos (2009), estas ferramentas pedagógicas fazem parte de um dos processos educativos fundamentais da educação. Sendo que representa um fator de grande amplitude na vida social desses alunos.

“A Escola, através do desporto escolar deve dar resposta às motivações e necessidades das crianças e jovens em relação à cultura motora, de forma a facilitar e estimular o acesso às diferentes práticas lúdicas e desportivas” (SANTOS, 2009, p. 8).

A importância dessa competição esportiva então se torna justificável, como afirma Arruda Júnior (2009) pela relação que esta tem com um dos componentes da cultura corporal a ser desenvolvida nas aulas de Educação Física escolar. É considerada dentro do elemento do Esporte e, sendo assim, o seu ensino se torna de suma importância e deve ser contemplado em momentos considerados oportunos, fazendo parte de um processo de ensino e aprendizagem deste importante fenômeno.

A participação competitiva é vista por Cratty (1983) “como um excelente meio para desenvolver a auto-superação, auto-estima, importantes para a vida em sociedade.”

Dentro desta lógica, Lima (1995) infere que dentro desta natureza cultural qual impele a competição e o desporto se identifica fortemente com o relacionamento social entre diferentes indivíduos e grupos, porém importa sempre considerar o contexto onde são realizadas as competições e os esportes bem como o enquadramento que estas têm de possuir frente às necessidades dos alunos.

Lima (2011) diz também que a utilização deste jogo competitivo, ou desporto no ambiente escolar tem sua importância na formação educativa pelo fato desta ferramenta pedagógica poder ensinar o aluno a lidar com o exacerbado espírito competitivo, qual ocorre naturalmente na formação do ser humano.

“Nos jogos competitivos, pode-se aprender a lidar com as emoções, frustrações, o perder e vencer, além das pressões que a competição nos impõe. Isso nos faz vivenciar as realidades do mundo competitivo. No ambiente competitivo bem administrado também estão presentes a necessidade do respeito, a superação de limites e a amizade.” (LIMA, 2011, p. 118)

Dentro da competição e do esporte, há, em todas as vias, ambas as possibilidades de vitórias e derrotas, estas, segundo Santos (2009) são fatores que se encontram integralmente presentes e isto, por sua vez, faz com que a utilização

da competição esportiva dentro do âmbito escolar, quando orientada de maneira correta, desenvolva um estímulo e um envolvimento de elevado valor pedagógico.

Para Martens et al. (1995), o treino desportivo e a competição, tanto no ambiente escolar quanto no ambiente amador desportivo, quando bem elaborados e aplicados, ajudam essencialmente no desenvolvimento de responsabilidades do indivíduo, na aceitação dos outros (o autor reitera neste ponto que, ao demonstrar superação à visão de outros indivíduos, automaticamente, sua visão sobre si, ou seja, sua auto estima, tem uma significativa melhora) e, o mais importante, na aceitação de si próprio.

Segundo Schutz (1989), “a competição esportiva apenas se torna prejudicial quando há a tentativa de trapacear”, ou seja, quando se dispõe de um gasto enorme de tentativas, portanto, energia para que seja possível ganhar quaisquer que sejam os custos, ou ainda pior, quando se tem uma “diminuição” do adversário, por meio de ataques psicológicos, entre outros, do contrario, ela pode ser deveras positiva, preparando este aluno inclusive, para o que se pode chamar de competitividade da própria sociedade, saber lidar com as diferentes vitórias e derrotas encontradas nas situações que presenciamos em nosso dia a dia, competitividade social esta que é muitas vezes chamada pela expressão “seleção natural”.

E o que é esta seleção natural? Segundo Chauí (2000) esta expressão que foi tão popularmente difundida através dos estudos conduzidos por Darwin acabou, contemporaneamente e em um sentido social da palavra, tomando uma conotação completamente desfocada e longínqua de sua teoria inicial devido a outros autores. Darwin partiu seus estudos pautados em resultados exclusivamente biológicos, estes que foram exaustivamente generalizados ao longo dos anos em teses filosóficas e ideológicas liderados por dezenas de diferentes autores, distorcendo toda a realidade dos resultados obtidos no campo particular específico inicial, fato que resultou na mistura, inversão de fatos biológicos naturais em sociofilosóficos, o que não respeita a diferença entre a natureza e a sociedade.

Apesar de este termo atingir um nível tão grotesco e cruel, beirando puramente o carnívoro e técnico, as diversas formas implementadas de competição esportiva no espectro educacional, quando tentam contemplar na íntegra, ou pelo

menos em grande parte, os objetivos propostos no projeto político pedagógico da escola, podem educar de forma a aproveitar de maneira sociável e madura as “não vitórias”, quais, segundo Lima (2011) servirão para atenuar caminhos futuros.

Tentando melhor entender esta teoria darwiniana, pode-se considerar que Darwin não quis em sua obra dizer que toda competição seja brutal e cruel, a fim de testar os mais aptos a sobreviverem, mas ensine ao indivíduo como sobreviver em uma sociedade, pois a natureza do ser humano, apesar de não ser pautada exclusivamente na competição, ela ocorre de maneira sumária na sociedade atual, assim, Lima (2011) afirma que essa presença competitiva no desporto e atividades competitivas em geral, quando encaradas de maneira madura e integral, ou seja, não os fins justificando os meios (vitória a qualquer custo), mas como uma jornada de aprendizado focada no processo, não no produto, pode levar a um significativo aprimoramento cognitivo, afetivo e social.

“A presença de um parceiro do outro lado da quadra convoca-me a ser veloz, coordenado, resistente e estratégico, o que já não acontece se me confronto com uma parede. (...) ocasionalmente, o jogo vai além da mera competição. O jogo adquire uma qualidade que transcende o nível do ganhar ou perder. Essa é uma experiência muito próxima da mística. A excitação do jogo, o clima psicológico, o drama, a luta, as grandes realizações dos contendores transformam a experiência num momento espiritual.” (LIMA, 2000 ,p. 104).

Goedert (2004) comenta também que a competição é percebida, por diversos setores da sociedade, como um fator estimulante e até necessário no caminho da ascensão social e econômica que leva ao sucesso. Corroborando com este pensamento Marzinek & Neto (2007) reiteram o fato do esporte e a competição serem fatores internos de motivação intrínsecos, como por exemplo: força de vontade, prazer em realizá-los e atingir objetivos durante uma aula de Educação Física.

Cotta (1981) apud Tubino (2001) que estudou socialmente o fenômeno da competição e do desporto, afirmando que ele é um meio de socialização que favorece, pela atividade coletiva, o desenvolvimento da consciência humana comunitária, diz também que este fenômeno exerce uma função de coesão social, favorecendo a identificação social e representando simbolicamente o corpo como

um todo (integral), desempenhando, portanto, um papel de compensação, pelo prazer embutido no processo competitivo, contra o excesso de industrialização globalizada.

Em última instância, Santos (2009) afirma que é concreto o potencial de socialização que a prática dos jogos desportivos propõe, pela possibilidade de expressão de sentimentos de emoção, responsabilidade e sentido crítico, criação de ambientes de comunicação e de cooperação. No sentido do desenvolvimento da auto estima e do sentimento de pertencimento a um grupo específico incluso dentro de uma esfera de perspectiva social, as experiências no desporto podem ser proveitosas.

Sobre a socialização Roberts (1993) apud Santos (2009) menciona a competição esportiva como sendo um meio importante de socialização das crianças, à medida que lhes é proporcionado o contato com diferentes regras, valores sociais e convivência com outras crianças.

Dentro deste processo de socialização encontra-se também, diretamente atrelado o fator da inclusão social, que contrário do esporte performance, focado no alto rendimento, que possui o produto final como objetivo (vencer), o desporto competitivo escolar, que, tendo como foco o processo educativo que compreende a atividade tem grande valor inclusivo, pois gera uma convivência diferenciada entre os indivíduos que, dentro do esporte, se depara com novos indivíduos de diversas camadas sociais.

Silva (2011) explica que a inclusão social nada mais é do que um conjunto de ações implementadas com o intuito de combater a exclusão aos benefícios da vida em sociedade, provocada pela diferença racial, de classe social, origem geográfica e educação, por exemplo. Quando se pratica essa inclusão, são modificados algumas estruturas e serviços oferecidos, o que abre espaços conforme as necessidades de adaptação específicas de cada pessoa, isso se dá conforme os indivíduos de origens sociais diversas vão sendo capazes de interagir naturalmente em grupo dentro da sociedade.

Todavia, este parâmetro não deve promover a discriminação e a segregação. Dentre os recursos que existem para o processo inclusivo, o mais importante é o

recurso humano, o qual é contemplado pelo desporto competitivo, como afirma Santos (2009) e Roberts (1993) apud Santos (2009) acima quando explicam sobre a possibilidade de se interagir socialmente diferentes camadas sociais dentro do desporto competitivo quando em uma equipe formada por alunos tanto de escolas públicas como particulares propicia a convivência interativa entre essas crianças, lhes proporcionando momentos de trocas de experiências que podem se mostrar proveitosos.

Cabe-se frisar então por este, a importância que tem o uso positivo da competição, bem como a competição desportiva em geral neste espectro escolar, pois a mesma se revela não apenas socializadora de um modo de vista geral, mas contribuinte nos aspectos psicopedagógicos e cognitivos na formação do educando como um todo.

UM TABU A SE DESCONSTRUIR: DISCUTINDO ASSERTIVAS PEDAGÓGICAS PARA O BOM USO DA COMPETIÇÃO ESPORTIVA NO ESPECTRO ESCOLAR

Com todo o saber visto até este ponto em prática, temos por fim que entender qual(is) a maneira(s) mais correta(s) de se aplicar esta tão essencial ferramenta pedagógica em nossas aulas de Educação Física, deixando de lado toda esta negativa histórica atual acerca da competição e do desporto competitivo escolar.

Como explica Soares (1994) a Educação Física se encontra intrínseca dentro da escola. Ela é de fato uma matéria do ensino. Sua presença desperta uma adorável, benéfica e restauradora “desordem” dentro da instituição como um todo. Esta sua desordem é portadora de uma ordem interna que lhe é peculiar e que pode criar, ou vir a criar outra ordem na escola. Para realizar esta tarefa, a Educação Física deve, sobretudo, preservar, manter e aprofundar a sua especificidade na escola. Deve, evidentemente, fazer isto sem isolar-se ou colocar-se à parte e alheia.

Sendo assim, a utilização desta competição esportiva na escola, bem como a iniciação esportiva, dentro de qualquer programa de educação física escolar, não pode se tornar um aprofundamento específico em qualquer que seja o desporto escolhido, mas sim, como explica Machado (1994), se utilizar de métodos pré-desportivos para que seja adquirida aprendizagem, psicossocial e cognitiva do aluno, fazendo uso de táticas e regras básicas para que se caracterize a modalidade, sem que se exija uma proficiência técnica e física aprofundada.

Ainda segundo Machado (1994), entender o processo competitivo implica em conhecer suas fases psicológicas, sociais e cognitivas do indivíduo, para que ele seja entendido em sua totalidade, percebido em sua integralidade, como na educação do sujeito segundo Wallon (1941).

A competição esportiva no âmbito escolar deve, portanto, se utilizar de diferentes táticas e estratégias para serem utilizadas da maneira mais pedagógica possível e não apenas como é utilizada na grande maioria das vezes, apenas com o objetivo de se treinar os indivíduos em esportes específicos, utilizando-se dos jogos e competições apenas para sagrar sempre, acima de tudo, um campeão (MACHADO, 1994). Seguindo esta ideia, Scaglia (2001) afirma que é preciso se

entender e ressaltar o fato de que a competição deve ser vista como conteúdo a ser aprendido por todos os alunos, sendo assim, não só todos devem jogar um tempo significativo nas partidas, como também ter acesso ao conteúdo da competição, sua organização, preparação, discussão e avaliação.

Para que este processo de aprendizado dentro do desporto e da competição consiga, de fato, atingir um nível realmente pedagógico e educativo correto, tem-se de encontrar melhores estratégias para que vencedores e vencidos absorvam algo de positivo e construtivo para a sua formação geral e desportiva. Para Martens et al. (1995), “o treino e a competição ajudam no desenvolvimento de responsabilidades, na aceitação dos outros e, o mais importante, na aceitação de si próprio.”

Para Freire (2005), o mais coerente é que os professores saibam lidar com tal fenômeno competitivo. Os professores realmente preocupados com o desenvolvimento das características humanas, ao invés de tentar eliminar estas atividades de competição, deveriam procurar compreendê-las e utilizá-las para valorizar as relações humanas. Para o aluno, é mais importante reconhecer a importância do vencido e do vencedor do que nunca competir.

Garcia (2002) por sua vez, difere um pouco do pensamento de Freire (2005) no que diz respeito de se entender o fenômeno competitivo escolar quando afirma que ainda mais importante do que se tentar compreender a competição, tem-se de compreender o sujeito que compete, assim como os sujeitos que especificam seus afins. Essas duas próximas, porém divergentes visões por sua vez se complementam quando se entende as ideias de Machado (1994) quando este afirma que para que se eduque o aluno de uma maneira integral, como entendido por Wallon (1941), deve-se entender todas as fases psicopedagógicas da competição, bem como o aluno que detém o foco do aprendizado.

Ou seja, em uma visão menos refinada, o professor de Educação Física deverá respeitar as etapas de desenvolvimento humano quando se utilizando da competição esportiva escolar em seus programas de ensino, e estes deverão corresponder e se adequar a estas etapas, sempre focando o domínio integral de seu aluno, ou seja, em seus espectros físicos, psíquicos e sociais.

“O docente deve propor ações que desafiem ou possibilitem o desenvolvimento das operações mentais. Para isso, organizam-se os

processos de apreensão de tal maneira que as operações de pensamentos sejam despertadas, exercitadas, construídas (...). Nisso, o professor deverá ser um verdadeiro estrategista, o que justifica a adoção do termo estratégia, no sentido de estudar, selecionar, organizar e propor as melhores ferramentas para que os estudantes se apropriem do conhecimento.” (ANASTASIOU, 2004, apud FARIAS 2011, p. 139)

A competição, portanto, como idealizada segundo Reverdito et al. (2008), bem como os desportos em geral, englobando também os eventos esportivos propostos pela escola, deverão estar integrados dentro do programa curricular, sendo um produto direto do Projeto Político Pedagógico da escola, sendo então desenvolvido na área de conhecimento e objeto de estudo da Educação Física, sendo importante ser apresentada de maneira interdisciplinar, estando pautada nos ideais filosóficos educacionais à escola em epígrafe, ou seja, estando inserida em um projeto contextualizado e referenciado pelos temas centrais da escola, qual permite ser abordado por diferentes disciplinas e conteúdos.

Partindo então destes pressupostos pedagógicos que estão englobados dentro da competição desportiva escolar, quais poderão ser explorados, o objetivo da competição pedagógica bem composta na escola deverá ter um enfoque em maximizar os aspectos positivos e minimizar, de maneira sumária, seus efeitos negativos. Seus valores de humanização, nas relações interpessoais, a busca pelo equilíbrio entre as relações de prática e resultado e o valor sociocultural desta coexistência são aspectos importantes a serem frisados (SCAGLIA; MONTAGNER; SOUZA, 2001).

“É importante deixar ao jogo esportivo seu caráter espontâneo e infantil” (LE BOULCH, 1987, p. 301). Ainda para Le Boulch (1987), estes jogos, quando se utilizando da competição ou quando se tratando da competição desportiva escolar de maneira geral, deve-se tomar uma visão diferenciada do desporto profissional, uma vertente que ele intitula de “jogos com regras”, ou seja, jogos que assumem uma forma um pouco mais lúdica, podendo ser enxergados como uma forma de “jogos de competição cooperativa”, qual é notada pela solidariedade que une os membros de diferentes equipes, o autor afirma também que este tipo de pedagogia aplicada ao desporto competitivo irá desenvolver no aluno e na criança um sentimento sempre mais forte de seu lugar na comunidade.

“As situações criadas pelos “jogos com regras” são (...) favoráveis à manifestação das atitudes sociais de organização, de comunicação, de cooperação. Nestas mesmas situações se colocam os problemas de liderança, de rivalidade no seio do grupo. Daí todo o interesse que estes jogos podem assumir no plano da socialização. Por outro lado, os jogos com regras representam situações onde entra em jogo um conjunto de coordenações que nos convertem em circunstâncias privilegiadas para o trabalho de ajustamento global.” (LE BOULCH, 1987, p. 303)

Em outra visão semelhante, porém que concorre em alguns pontos com a apontada acima, Ferreira (2000) defende que se deve se “dessacralizar” as regras e costumes esportivos, sendo assim uma alternativa à comum adoção exclusiva de regras oficiais do desporto para que seja possível se minimizar a ideia de competição com enfoque apenas no vencedor, aumentando o caráter lúdico das atividades desportivas aplicadas dentro da aula de Educação Física, ampliando a participação dentro das atividades físicas desportivas.

Outra medida defendida por Ferreira (2000) se consiste em modificar a contagem dos pontos, focando-se numa alternativa ao resultado final por pontuação de vitória por parte da equipe, onde poderiam ser aplicados pontos para a participação dos membros das equipes, não apenas para a vitória, o que contribuiria para o aumento do número de participantes dentro das atividades.

“O aumento do número de participantes, além de ampliar a participação, exigiria uma nova dinâmica para as atividades. Seus participantes teriam que reformular estratégias, táticas e talvez técnicas para dar conta dessa nova dinâmica, o que induziria ao raciocínio, à criatividade e ao debate, conteúdos essenciais a uma educação física que se pretenda crítica, democrática e transformadora. Os revezamentos, por exemplo, poderiam ser realizados em várias distâncias envolvendo equipes com número superior a quatro, diferentemente do preconizado pelas regras oficiais. Para tanto, bastaria alterar os pontos de largada dos participantes, adequando- os à nova distância estipulada.” (FERREIRA, 2000, p. 100).

Em aspectos gerais, portanto, como reitera Soares (2008), essa competição desportiva escolar, quando é aplicada aos educandos, deve sempre se pautar em objetivos claros para que seja possível se obter uma competição com faces

educativas fortes. Partindo deste princípio a preocupação em primeiro plano deve estar no tipo de professor que construirá esta aula competitiva ou eventos desportivos em geral. Este profissional deverá possuir uma postura reflexiva acerca dos temas abordados em aula, buscando sempre a criação de espaços para a produção de novas formas de sociabilidade, respeitando os limites de seus participantes (aspecto que contribui para uma maior inclusão dentro da aula).

Esta postura do professor de praticar a reflexão do modo de se ministrar a aula deve se incidir sobre a ação do mesmo afim de não reproduzir as formas tradicionais de competição, quais se afirmam na supervalorização do produto (vencer) em contrapartida do processo de aprendizagem que implica o competir, ou seja, demonstrar aos alunos valores como a importância dos adversários para que seja possível haver o esporte, a possibilidade de se formar vínculos de amizade e a integração intrínseca que esta prática desportiva proporciona.

Cabendo então a este educador, ser responsável pelos componentes operacionais aplicados no seu método de ensino a fim de caracterizar, segundo Anastasiou (2004) apud Farias (2011), “a arte de aplicar ou explorar os meios e condições favoráveis e disponíveis” aos seus alunos, com vistas a execução dos objetivos proporcionados pelo processo de aprendizado, qual é utilizado durante o emprego da competição, bem com a competição desportiva no âmbito escolar

“O papel do educador, neste tipo de atividade competitiva deve ser duplo, ajudando o grupo de trabalho a realizar-se no plano da tarefa e dos procedimentos, permitindo-lhe progredir em direção a esses objetivos e facilitar a tomada de consciência dos elementos socioafetivos que possam frear sua marcha, como tensões entre membros, conflitos pelas regras dentro do grupo, competição entre “bandos” e agressividade.” (LE BOULCH, 1987, p. 304)

Tendo, portanto, à medida em que o professor permitir, de acordo com estas premissas, uma melhor autorregulação por parte do grupo de alunos relativamente às dificuldades encontradas durante o cumprimento das atividades desporto competitivas propriamente ditas e aos problemas internos deste mesmo grupo, é então que o objetivo psicopedagógico desta aula terá sido verdadeiramente atingido. (LE BOUCH, 1987)

Porém, o autor faz um interessante adendo que ocorre em alguns casos, onde o aluno demonstra interesse na prática mais profissionalizada de um esporte escolhido e, em atividades extracurriculares, como por exemplo, em algum grupo de treinamento que não tem as mesmas filosofias educacionais da escola, este professor pode vir a desempenhar um papel de “conselheiro técnico”, tentando ensinar a esta criança uma ou mais modalidades desportivas de práticas adultas.

Enfim, com códigos e sentidos fundamentados no contexto descrito até aqui, a competição desportiva escolar deve ser sempre apresentada aos alunos de modo a auxiliar em seu processo educacional, nunca o contrário. Deve esta ser trabalhado por meio de diferentes abordagens que atendam, integralmente, a todos os educandos, de modo que se proporcione oportunidades da experiência pedagógica atrelada à competição e aos desportos competitivos em aula, fator que se mostra fundamental na aprendizagem de seletos elementos da cultura corporal, inclusive, dos esportes. (ARRUDA JÚNIOR, 2009)

CONCLUSÃO

Ao longo desta importante jornada, foi possível perceber que a utilização, em âmbito escolar, da competição, bem como a competição desportiva, é vista de diferentes maneiras, muitas vezes extremamente polarizadas no espectro educacional, e que este fator se dá pela maneira abrupta e recente com que a Educação Física vem se firmando como disciplina propriamente dita dentro da escola, onde esta passou por diversos olhares e tendências desde seu início.

Não se pode, portanto, negar que esta competição desportiva está intrínseca no ser humano como um todo, pois o esporte e a competição ocorrem naturalmente, de maneira biológica e social, a mais de 4.000 anos na história do homem, ou seja, ela acontecerá queiramos ou não.

Sendo assim, seria muito fácil, para nós educadores, apenas negar e esquecer a competição esportiva escolar, marginalizando e inviabilizando, por conseguinte, um elemento rico e vasto de conteúdos e pedagogias em nossa área. Fazer isso seria como desvalorizar um conteúdo deveras importante para o ensino em Educação Física, e não é este nosso papel como profissionais da educação.

Cabe a nós profissionais, como reafirma Soares (2008) o importante papel de transmitir esses valores próprios da competição desportiva escolar, de forma sadia e educativa, sendo possível então a criação de ambientes que se mostrem favoráveis ao aprendizado integral do aluno, que contemple para com seu desenvolvimento pessoal, sua auto estima, sua autonomia de modo geral e influenciando fortemente no desenvolvimento de seu caráter.

Temos então de aceitar essa competição como um desafio, onde se estudam formas para recriá-la da melhor maneira pedagógica possível, se maximizando os efeitos benéficos desta tão essencial ferramenta educacional e minimizando os efeitos negativos que possam implicar em nossos alunos dentro da realidade escolar, não mais a enxergando como uma mera recriação dos “desportos espetáculos” adultos, onde vencer a qualquer custo se torna uma obsessão, tanto por parte dos alunos quanto do professor atuante, mas tento uma perspectiva educacional, onde o processo que integra a competição e a competição desportiva escolar é mais importante para a formação de nossos alunos.

“A competição não é boa e nem ruim, ela é aquilo que especificamos para seus fins, tornando-nos responsáveis pelo ambiente pedagógico que satisfaça as necessidades e desejos de crianças e adolescentes. E que, além de fazer diferente, possamos fazer a diferença na escola.” (REVERDITO et al, 2008, p. 44).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRUDA JÚNIOR, N. A. **A competição e a Educação Física Escolar**. Monografia apresentada para conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física. UNICAMP. Campinas, 2009.
- AZEVEDO, M. A. O.; GOMES FILHO, A. Competitividade e inclusão social por meio do esporte. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, v. 33, n. 3, p. 589-603, 2011.
- BARNI, M. J.; SCHNEIDER, E. J. **A Educação Física no Ensino Médio: Relevante ou Irrelevante?** Disponível em: <http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev03-02.pdf>. Acesso em: 17/11/2014.
- BENTO, J. O. **Pedagogia do esporte: definições, conceitos e orientações**. In: Pedagogia do Desporto. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.
- BRACHT, V. **Educação física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.
- BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cad. CEDES**, v. 19, n. 48, p. 69-88, 1999.
- BRASIL. **Lei 705/69 de 25 de julho de 1969**. Disponível em: <http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/126059/decreto-lei-705-69>. Acesso em: 23/11/2014.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CAPITANIO, A. M. Educação Através da Prática esportiva: missão impossível? **EFDeportes**, n. 58, 2003.
- CASTELLANI FILHO, L. **Política educacional e educação física**. Campinas: Autores Associados, 1998.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.
- CRATTY, B. J. **Psicologia no Esporte**. Brasil: Prentice/Hall, 1983.
- DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- DE ROSE JR., D. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- DUARTE, O. **História dos esportes**. São Paulo: SENAC, 2004.
- FARIA, E. L. Quando "rola a bola": reflexões sobre as práticas futebolísticas e a forma escolar nas aulas de Educação Física. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, v. 36, n. 2, p. 501-513, 2014.

FARIAS, I. M. S et al. **Didática e docência: aprendendo a profissão**. Brasília: Liber Livro, 2011.

FERRAZ, O. L. **O esporte, a criança e o adolescente: consensos e divergências**. In: Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2002.

FERREIRA, M. A competição na Educação Física Escolar. **Motriz**, v. 6, n. 2, p. 97-100, 2000.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 2005.

FREIRE, J. B.; SCAGLIA, A. J.. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Scipione, 2004.

GHIRALDELLI JUNIOR, P. **Educação Física Progressista: A Pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física Brasileira**. 3 ed. São Paulo: Editora Loyola, 1994.

GHIRALDELLI JUNIOR, P. **Notas para uma teoria dos conteúdos de educação física**. São Paulo: Mimeo, 1993.

GOEDERT, R. **A competição no campo escolar**. 2004. Dissertação de Mestrado em Educação. FURB. Blumenau, 2004.

GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. São Paulo: Papirus, 1997.

GONCALVES, M. P.; BELO, R. P. Ansiedade-traço competitiva: diferenças quanto ao gênero, faixa etária, experiência em competições e modalidade esportiva em jovens atletas. **Psico-USF**, v. 12, n. 2, p. 301-307, 2007.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não-lugar da EF escolar I. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 9-24, 2009.

HOLLANDA, B. B. História social dos esportes. **Rev. adm. empres.**, v. 54, n. 4, p. 466-466, 2014.

HUIZINGA, J. **Homo ludens**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

LE BOULCH, J. **Educação psicomotora: psicocinética na idade escolar**. Porto Alegre: Artmed, 1987.

LEITE, E. A. O Esporte na escola: sua realidade e possibilidade de mudanças. **EFDeportes**, n. 142, 2010.

LIMA, A. B. et al. **Orientações para a educação física na EJA**: uma experiência em construção. In: Educação física escolar na educação de jovens e adultos. Curitiba: CRV, p. 37-122, 2011.

LIMA, L. M. S. **O Tao da Educação**: A filosofia oriental na escola ocidental. São Paulo: Ágora, 2000.

LIMA, T. Desporto na Escola. **Revista Horizonte**, v. 8, n. 50, 1992.

LIMA, T. O recreio dos jovens. **Revista Horizonte**, v. 12, n. 67, p. 23-30, 1995.

MACHADO, A. A. **Aspectos psico-pedagógicos da competição esportiva escolar**. Tese de Doutorado em Metodologia de Ensino. UNICAMP. Campinas, 1994.

MARTENS, K. et al.. **Coaching Young Athletes**. Illinois: Human Kinetics Publ., 1995.

MARTINS, L. T.; SILVA R. O. Competição na Educação Física escolar: quem ganha o jogo? **EFDeportes**, n. 188, 2014.

MARZINEK, A.; NETO, A. F. A Motivação de Adolescentes nas Aulas de Educação Física. **EFDeportes**, n. 105, 2007.

MELLO, A. S. et al. Representações sociais sobre a educação física na educação infantil . **Rev. educ. fis. UEM**, v. 23, n. 3, p. 443-455, 2012.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Física e Desportos. **Uma Nova Política para o Desporto Brasileiro** – Esporte Brasileiro, Questão de Estado, 1985.

NAKAMURA, P. M. et al. Physical education in schools, sport activity and total physical activity in adolescents . **Rev. bras. cineantropom. desempenho hum.**, v. 15, n.5, p. 517-526, 2013.

NASÁRIO, J. C. **Competição na Educação Física Escolar**: Um Estudo de Representações Sociais de Professores. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/98_102.pdf. Acesso em: 17/12/2014.

OLIVEIRA, R. C.; DAOLIO, J. Na "periferia" da quadra: educação física, cultura e sociabilidade na escola. **Pro-Posições**, v. 25, n. 2, p. 237-254, 2014.

PAES, R. R. **Educação Física Escolar**: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental. Canoas: Ulbra, 2001.

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

RAMOS, J. J. **Os exercícios físicos na história e na arte**. São Paulo: Ibrasa, 1982.

REVERDITO, R. S. et al. Competições escolares: reflexão e ação em Pedagogia do Esporte para fazer a diferença na escola. **Pensar a Prática**, v. 11, n. 1, 2008.

SANTOS, J. R. C. **Atributos da qualidade da competição desportiva escolar: estudo comparativo entre as percepções dos praticantes e respectivos encarregados de educação**. Dissertação de Mestrado em Educação Física e desporto. Universidade da Madeira. Funchal, 2009.

SANTOS, M. A. G. N.; NISTA-PICCOLO, V. L. O esporte e o ensino médio: a visão dos professores de educação física da rede pública. **Rev. bras. educ. fis. esporte**, v. 25, n. 1, p. 65-78, 2011.

SCAGLIA, A. J.; MEDEIROS, M.; SADI, R. S. Competições Pedagógicas e Festivais Esportivos: questões pertinentes ao treinamento esportivo. **EFArtigos**, v. 3, n. 23, 2006.

SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C.; SOUZA, A. J. Pedagogia da competição em esportes: da teoria à busca de uma proposta prática escolar. **Motus Corporis**, v. 8, n. 2, p. 20-30, 2001.

SCAGLIA, A.; GOMES, R. M. **O jogo e a competição**: investigações preliminares. In: O jogo dentro e fora da escola. Campinas: Autores Associados, 2005.

SCHUTZ, W. **Profunda simplicidade**: uma nova consciência do eu interior. São Paulo: Ágora, 1989.

SCHWARTZ, G. M. et al. **Jogos Cooperativos no Processo de Interação Social: Visão de Professores**. Disponível em: <http://www.unesp.br/prograd/PDFNE2002/jogoscooperativos.pdf>. Acesso em: 20/11/2014.

SILVA, L. C. F. **Os conflitos interpessoais nas aulas de educação física e a construção da autonomia**. In: Ética e diversidade: construindo homens e mulheres de valor na escola. Jaboticabal: Funep, p. 73-86, 2011.

SOARES, A. J. G.; MILLEN NETO, A. R.; FERREIRA, A. C. A pedagogia do esporte na educação física no contexto de uma escola eficaz. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, v. 35, n. 2, p. 297-310, 2013.

SOARES, C. L. **Educação Física**: Raízes Européias e Brasil. Campinas: Autores associados, 1994.

SOARES, F. C. A Competição Esportiva Escolar como Componente Pedagógico a ser Refletida e Aplicada nas Aulas de Educação Física. **Pensar a Prática**, v. 11, n. 1, 2008.

SOUZA FILHO, M. A Educação Física como componente curricular: trajetória histórica e possibilidades atuais no Ensino Médio. **EFDeportes**, n. 150, 2010.

SOUZA JUNIOR, M. et al. Coletivo de autores: a cultura corporal em questão. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, v. 33, n. 2, p. 391-411, 2011.

TUBINO, M. J. G. **Dimensões sociais do esporte**. São Paulo: Cortez, 2001.

TURPIN, J. A. P. **La competición en el ámbito escolar**: um programa de intervención social. Tese de Doutorado em Educação. Universidade de Alicante. Alicante, 2002.

VAGO, T. M. Início e fim do século XX: maneiras de fazer educação física na escola. **Cad. CEDES**, v. 19, n. 48, p. 30-51, 1999.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo : M Fontes, 2007.